

UM LUGAR CHEIO DE NINGUÉM

Marcelo Xavier

todas
as
letras

MANUAL DO PROFESSOR

Onde seria possível encontrar um lugar cheio de vazio, cheio de nada, cheio de ninguém? Como alguém poderia viver em um espaço com tanta ausência? Saber da possibilidade da existência desse lugar e ter a liberdade de imaginá-lo, enquanto acompanha alguém transitando nele, seria uma experiência importante? Para quem? E para quê?

A literatura é um espaço aberto no qual o texto, em conjunto com as imagens, é capaz de tudo inventar; mundos diversos, e até opostos, podem coabitar; o improvável vazio cheio de ninguém não apenas passa a existir como também se abre à visita de diferentes leitores, todos eles vindos de diferentes mundos. Qual é a importância de poder inventar, adentrar e desvendar o improvável que a literatura oferece?

A realidade imaginada, incentivada pela leitura textual e imagética, ganha sentido e cria tempo e espaço inventados, fazendo com que o leitor penetre em um universo distante daquele em que vive. Esse movimento de distanciamento e encontro rende-lhe a ampliação

da própria visão de mundo, possibilitando que a realidade, com base na experiência ficcional, ganhe novos sentidos.

Por meio da aproximação de um gênero literário, o leitor, acompanhado por um narrador ou uma personagem, protagoniza situações das quais habitualmente não teria a chance de participar; acessa sentimentos e emoções alheios, identificando-se com eles; e se aproxima dos outros de maneira mais empática, o que é benéfico não só para a relação interpessoal como também para a que trava consigo mesmo. Tal experiência o leva a compreender a realidade, sem descartar as complexidades que ela carrega. Por fim, identificando as diversas maneiras de pertencer à realidade e interpretá-la, quem lê reconhece que ela é constantemente criada e recriada social e historicamente pelo ser humano e, por isso, é suscetível a diversas interpretações.

Tendo em vista a importância da literatura como uma forma de arte que permite a aproximação do ser humano consigo e os semelhantes, a valoriza-

ção do conhecimento, a reflexão e a transformação da realidade, é possível identificar a relevância do trabalho com textos literários na Educação Básica para o desenvolvimento de diferentes conhecimentos e habilidades que constam nas descrições das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tais como: a valorização e a utilização dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade para a construção e a transformação da realidade (1ª competência, p. 9); a criação de hipóteses, a investigação, a análise crítica, a imaginação e a criatividade (2ª competência, p. 9); a valorização e a fruição de expressões artísticas e culturais (3ª competência, p. 9); a motivação para a recepção e a expressão artística em diferentes linguagens (4ª competência, p. 9); a valorização da diversidade de saberes e cultura, a consciência do protagonismo histórico e a liberdade propiciada pelo conhecimento (6ª competência, p. 9); o autoconhecimento e o exercício da empatia (9ª competência, p. 10); o respeito ao próximo e a solidariedade (10ª competência, p. 10); entre outros.

As competências gerais da Educação Básica, descritas na BNCC, expressam-se de maneira específica nas diversas áreas de conhecimento e, dentro de cada uma delas, nos respectivos componentes curriculares. O trabalho relacionado à literatura está incluso nas competências específicas descritas no componente curricular de Língua Portuguesa, que se articulam com as gerais e com todas as pertencentes aos demais componentes curriculares do Ensino Fundamental.

Sobre a importância da prática da educação literária, as duas competências específicas de Língua Portuguesa, apresentadas a seguir, resgatam o que tem sido afirmado até o momento neste Manual.

[...]

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

[...]

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

[...]

(BNCC, p. 85)

O reconhecimento da ação humanizadora e transformadora da literatura – como um espaço de negociação de sentidos, valores e ideologia – é destacado na descrição dessas competências, que visam guiar a formação integral dos alunos na Educação Básica, por meio do estudo de Língua Portuguesa. Ao almejar o desenvolvimento integral, a BNCC incentiva a formação humana em suas múltiplas dimensões, a qual pode ser incentivada pela apuração do senso estético, ressaltado na nona competência.

Desenvolver o senso estético possibilita ao aluno reconhecer, fruir e respeitar diversas manifestações artísticas e culturais, de maneira que o torne um protagonista da recepção estética, capaz de estabelecer comparações e aproximações de expressões distintas, selecionando aquelas que mais estão em consonância com a própria realidade e que podem ser referência para o resgate e a preservação da cultura e identidade do grupo ao qual pertence.

O trabalho que este Manual propõe com a leitura do livro **Um lugar cheio de ninguém** considera as competências gerais e específicas de Língua Portuguesa destacadas anteriormente. Dentre elas, é possível indicar algumas:

- A segunda competência geral da BNCC – a criação de hipóteses, a investigação, a análise crítica, a imaginação e a criatividade – é exercitada em todo o livro, convidando o leitor a imaginar um mundo ficcional do qual Neno (a personagem principal) e ele próprio parecem ser donos.
- A nona competência geral da BNCC – o autoconhecimento e o exercício da empatia –, por sua vez, é uma consequência desse mundo vazio que, com o tempo, leva Neno, e provavelmente o leitor, à conclusão de que um mundo só para si não tem graça, pois falta a convivência com o outro.
- A nona competência específica de Língua Portuguesa, por fim, sobretudo no trecho em que cita o “[...] acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura” (p. 85), resume a leitura proposta, na qual os alunos terão a oportunidade de adentrar uma realidade ficcional diferente da que vivem, dando seguimento ao lúdico, ao imaginário, ao encantamento e, por que não, a uma nova postura.

Após a introdução deste Manual, já é possível concluir que a literatura ocupa a classificação de bem cultural, cumprindo o papel de alavanca humanizadora, conscientizadora e transfor-

madora de realidades diversas e dos sujeitos que delas participam. Sendo assim, já está comprovado que o trabalho com textos literários propicia a formação dos alunos em suas múltiplas dimensões. No entanto, o professor não pode esperar que essas aprendizagens sejam acarretadas por um processo de desenvolvimento natural e espontâneo. Ao contrário, a BNCC é clara quanto à necessidade da intencionalidade educativa presente nas práticas pedagógicas do Ensino Básico.

O papel do educador é, portanto, fundamental para que a literatura seja de fato um grande passo rumo à aquisição das aprendizagens essenciais por parte dos alunos. A mediação do professor durante as experiências de leitura de textos literários pode, ainda, ser responsável por despertar o gosto pela leitura, o estímulo à imaginação, a ampliação do conhecimento de mundo e a apuração dos sentidos estético e crítico. Essa função é exercida desde a seleção de textos adequados à faixa etária e ao interesse dos alunos até a condução e a motivação do envolvimento deles com o texto selecionado.

Mediar a leitura de um texto literário consiste, portanto, em convidar o aluno a ser protagonista da própria recepção estética, procurando incentivá-lo a investigar os recursos linguísticos que criam e intensificam sentidos a fim de estimular o interesse e o prazer em desvendar as múltiplas camadas de um texto. A ampliação de repertório do aluno certamente será uma consequência dessa prática de mediação, o que acabará propiciando a extensão da relação dialógica entre diferentes formas de expressão e comunicação.

ANTES DE LER O LIVRO

A obra **Um lugar cheio de ninguém** foi escrita e ilustrada por Marcelo Xavier, que nasceu no ano de 1949 em Ipanema, interior de Minas Gerais, onde morou até os 5 anos de idade, quando se mudou para Vitória, no Espírito Santo. Foi em Vitória que Xavier passou toda a infância, razão pela qual escolheu a cidade para ambientar esta narrativa.

Marcelo Xavier é formado em Publicidade e autodidata em Artes Plásticas. Escritor, cenógrafo, figurinista, autor e ilustrador de livros, ele é capaz de transitar por diferentes formas de expressão artística. Desde 1986, desenvolve um trabalho com ilustração tridimensional, que pode ser considerado uma síntese dessas múltiplas experiências estéticas: personagens e objetos de cena são moldados em massa plástica, montados em pequenos cenários e fotografados.

Em **Um lugar cheio de ninguém**, os objetos, as personagens e os cenários, representados tridimensionalmente, não apenas ilustram a narrativa, mas operam uma extensão do exercício de leitura, que se torna textual e imagético. Com o uso dessa técnica, o livro parece convidar o leitor a visitar os ambientes lá construídos: primeiro o ambiente da narrativa, depois aquele que é fruto da fabulação que o ilustrador e a personagem, Neno, dividem com o leitor. A liberdade que Neno conquista numa Vitória “cheia de ninguém” passa a também ser a liberdade do leitor.

Vale destacar que a utilização da massa plástica, material tão presente no universo infantil, pode auxiliar na construção do vínculo entre o livro e o leitor ao qual ele é destinado, que frequenta do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Outra característica interessante da utilização dessa técnica é a marca da irregularidade deixada nas representações, a qual, além de revelar o trabalho manual do ilustrador, manifesta a ideia de que alguém modelou à sua maneira as coisas do mundo representado. A cidade, as personagens e os objetos da história de Neno são modelados por alguém e, conseqüentemente, traduzem apenas uma forma de enxergar o mundo. Essa reflexão é capaz de levar o leitor a compreender que tudo na história narrada pode ser reproduzido de outra forma, dependendo das mãos postas a modelar.

Não só as ilustrações de **Um lugar cheio de ninguém** são compostas de mais de uma dimensão, como também a narrativa, que já de início apresenta duas: a da realidade da casa de Neno, na cidade de Vitória, na qual os três irmãos dormem; e a da realidade onírica de Neno, na qual ele atravessa a cidade vazia, levando o leitor também a transitar entre dois mundos. Além disso, a história de Neno possibilita ao leitor uma transposição no tempo, carregando-o de volta ao ano de 1957, época da infância do autor Marcelo Xavier e das rádios com programas de terror.

Um lugar cheio de ninguém é uma narrativa ficcional escrita em prosa, que pode ser classificada no gênero novela. Situada entre o conto e o romance, a novela diferencia-se desses dois gêneros, em primeiro lugar, por conta de extensão: é mais longa que o conto e mais reduzida que o romance. Logicamente não se devem utilizar apenas padrões métricos para classificar o gênero de um texto. Por

isso também é possível compreender o gênero novela por meio de sua comparação com o romance. Na novela, há o predomínio de um evento e, por conta disso, é normal que ela acompanhe as ações de apenas uma personagem. O romance, por outro lado, mais parece um varal em que várias peças de roupas podem ser penduradas: é composto de diversas tramas que se desenrolam ao longo da narrativa; como o espaço é maior, o foco não precisa estar no evento em si, normalmente aprofundando a ambientação social e psicológica do enredo.

Diante dessa rápida diferenciação, percebe-se que em **Um lugar cheio de ninguém** um evento ganha destaque: as aventuras de Neno durante o sonho. Não é possível verificar a extensão de outras tramas, nem ao menos o realce de outras personagens. A família, os colegas e a professora são apresentados ao leitor apenas no início e no fechamento da narrativa. Ao mesmo tempo, o livro não possui a extensão necessária para que o leitor conheça Neno em profundidade; o interesse está totalmente voltado para as aventuras que ele vive. Ainda assim, ao final, a narrativa oferece um aspecto do caráter da personagem principal. Mesmo com o mundo todo para si, Neno escolhe o convívio dos outros.

Um único enredo, uma personagem central e uma decisão determinante são suficientes para que a identificação por meio da leitura ocorra, a qual é elemento primordial para o desenvolvimento dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Repleta de imaginação e aventura, a novela **Um lugar cheio de ninguém** leva o leitor a acompanhar Neno, a personagem principal, em sua surpreendente experiência em um lugar que, de uma hora para outra, fica vazio.

O início da história é ambientado em uma casa, com a família de Neno. A ruptura desse equilíbrio inicial dá-se quando esse universo socialmente reconhecível se mostra inesperadamente vazio, sem pessoas. De uma hora para outra, os objetos, as construções e até os meios de transporte continuam a existir no mundo, mas as pessoas, o gato de Neno, o peixe no aquário e até mesmo os animais do parque desaparecem. É esse mundo, cheio de vazio, que Neno encontra ao acordar. Ele, no entanto, continua o mesmo e não desapareceu, como todo mundo; está sozinho. Lidar com essa falta (do outro) é tão inquietante para a personagem e para o leitor que esse espaço assustadoramente deserto parece preencher-se de ausência, tornando-se “cheio de ninguém”.

Após o susto e o medo que sente, Neno decide explorar a nova realidade e bem rápido percebe que ela o permite satisfazer desejos antes praticamente impossíveis para um garoto de quase 9 anos. Seguindo “para onde apontava o seu nariz”, ele experimenta o gosto de tomar um sorvete de cinco bolas sem pagar nada por isso, a sensação de dirigir um bonde, a emoção de visitar o gabinete do governador, a satisfação de guiar um barco, etc.

Toda a aventura proposta pela fabulação secundária (do sonho da personagem) dentro da fabulação primária (da ambientação inicial da narrativa da novela) leva o leitor para além de sua realidade imediata, o que estimula a imaginação e a inventividade. Identificando-se com Neno e partilhando a dor e a delícia de suas múltiplas experiências, o leitor também realiza feitos impossíveis.

No entanto, assim como o tempo traz a Neno a diversão, ele também a tira. Com o passar dos dias, o menino começa a questionar a relevância da própria

existência em um mundo sem ninguém e refletir sobre a importância do convívio com seus semelhantes. O que são as aventuras se não podemos compartilhá-las?

Ao final da narrativa, a suspensão da angústia vivida pela personagem é por hora apaziguada com o regresso ao equilíbrio inicial. O desfecho, entretanto, retoma a relação entre a realidade e a fabulação de Neno, resgatando a dúvida: tudo **realmente** foi um sonho? De qualquer forma, a mensagem escrita no quadro-negro da sala de aula, que parece ter escapado do sonho, legitima a conclusão à qual o menino chega: “Eu não quero o mundo vazio! Eu não quero o mundo só pra mim!” (p. 42).

A fabulação, ou seja, a necessidade de fantasiar, imaginar, criar, sonhar, faz parte da natureza humana. Segundo o professor e crítico literário Antonio Candido: “assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado” (2004, p. 112).

A literatura acolhe o sujeito em sua necessidade de entrega ao fantasioso, ao ficcional. Por meio dela, é possível reinventar a realidade, solucionar momentaneamente a incompletude humana, organizar o caos da existência, que se torna insolúvel fora da ficção.

O livro **Um lugar cheio de ninguém** torna-se, assim, uma espécie de alegoria da explicação de Candido (2004) sobre a necessidade da fabulação: ele se desenrola na realidade de Neno, que logo é transportado para a fantasia do sonho; essas duas dimensões ocorrem em uma ficção. Ao final da novela, a sensação de resolução começa pela constatação da fabulação: Neno acorda e percebe que tudo não se passava de um sonho, o que o faz retornar ao equilíbrio inicial. A realidade parece a mesma até o desfecho, quando a ficção de seu sonho invade a vida e vai parar no quadro-negro da sala de aula. O leitor fica com a dúvida e o sonho fugidio de Neno, experiência que provavelmente vai inspirá-lo a também fantasiar com outros mundos.

Tendo em vista esses múltiplos enfoques da obra e tudo o que foi comentado aqui, sugere-se que a leitura da novela **Um lugar cheio de ninguém** seja proposta para alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental (categoria 4), destacando-se a adequação dela aos seguintes temas: Família, Amigos e Escola; e Diversão e Aventura.

Para saber mais

Com o objetivo de ampliar as reflexões a respeito da importância do convívio e da fabulação para o ser humano, propõe-se a leitura coletiva de “A fábula do oleiro”, de preferência da releitura do autor Jorge Miguel Marinho, na obra **A maldição do olhar**. Nela, um oleiro molda bonecos de barro para “preencher os vazios da vida” (Marinho, 2008, p. 112).

Motivação para a leitura/escuta

1. Antes de iniciar a leitura, abra espaço para que os alunos explorem o livro, observando a capa, a quarta capa e folheando as páginas, passeando pela história que lerão.

2. Incentive-os a explorar as ilustrações e prestar atenção em como o texto se organiza nas páginas, reconhecendo a organização dos elementos verbais e não verbais. Motive-os a compartilhar as descobertas que fizeram durante essa investigação.
3. Aproveite esse primeiro contato com o livro para pedir aos alunos que criem hipóteses sobre a história que lerão, promovendo um espaço para eles participarem as impressões que tiveram. Incentive-os a descrever por que possuem as expectativas relatadas, apontando as ligações que surgiram durante o processo.
4. Leia então o título da obra e pergunte a eles: “Na opinião de vocês, o que o título do livro conta sobre a história que vamos ler?”.
5. Caso os alunos não tenham percebido a oposição proposta no título **Um lugar cheio de ninguém**, pergunte-lhes: “Se o título fosse ‘Um lugar sem ninguém’, teria o mesmo impacto?”. Espera-se que eles reconheçam como essa oposição propicia uma ampliação de sentidos.
6. Para dar início à entrada dos alunos no universo da narrativa, faça algumas perguntas do tipo: “Como um lugar onde não há ninguém pode estar cheio?”; “Como vocês acham que seria viver em um lugar assim?”; “Que sensações ou sentimento essa ideia lhes traz?”.
7. Se achar oportuno, informe-lhes antecipadamente que a história se passa no ano de 1957 e traz referências desse tempo histórico, bem como da cidade brasileira Vitória, que fica no estado do Espírito Santo. Esse alerta é importante para que os alunos não apenas se aproximem da primeira parte da narrativa, que pode ser a mais difícil para alguns, como para que fiquem curiosos com o enredo.
8. No início da narrativa, um objeto que provavelmente alguns alunos não conhecem, o rádio, é apresentado com grande destaque: “o rádio era o dono do pedaço” (p. 5). O narrador faz menção ao formato do objeto e a características desse objeto (ruídos, iluminação, botões), elementos que talvez sejam muito distantes para os alunos, e que, por isso, podem significar um pequeno obstáculo na aproximação da turma com o texto. Essa é a oportunidade para incentivar a turma a também fazer a leitura das imagens do livro – a primeira delas é a do rádio.
9. Antes de iniciar a leitura, caso surja uma oportunidade, apresente imagens de aparelhos de rádio aos alunos e explique-lhes como esse meio de comunicação era importante na época em que se passa a história. Se for possível, apresente vídeos para que eles possam observar os aspectos descritos e ouvir os ruídos mencionados. Descreva ainda um pouco a programação de rádios e comente que um popular “programa de família” nos anos 1950 era sentar-se ao redor do rádio para ouvir o jornal, as novelas faladas, etc.

DURANTE A LEITURA

A edição do livro **Um lugar cheio de ninguém** sugere a divisão da narrativa em oito partes. Essas partes não são necessariamente capítulos, mas apontam para uma organização de leitura, com a possibilidade de divisão do texto em momentos determinados. Caso seja possível e oportuno, promova a leitura conforme essa disposição, distribuindo-a em oito aulas.

Essa possibilidade de leitura fragmentada remete à novela – como gênero textual oral – que costumava circular nas rádios e era típica do tempo histórico a que a narrativa remonta. Se achar pertinente, proponha, de forma lúdica, que todos os alunos se transportem para 1957, imaginando-se em volta de um rádio, aula a aula, para ouvir as partes da história.

Antes de dar início à leitura, reserve um momento para combinados. Pergunte aos alunos como deve acontecer a recepção do texto: “A história deve ser contada pela mesma voz até o final ou cada parte pode ser assumida por uma voz diferente?”. É possível também decidir quais serão os efeitos sonoros produzidos, se todos devem ouvir a história acompanhando o texto escrito ou com os olhos fechados, etc. Esse momento de decisões e protagonismo dos alunos é muito válido para criar um vínculo produtivo da turma com a leitura proposta.

Caso opte pela leitura por partes, estabeleça combinados em relação à rotina de leitura, garantindo a retomada das partes anteriores, aula a aula. Motive os alunos a recontar coletiva e oralmente cada parte que antecede a que lerão no dia. Essas lembranças possibilitam tanto o resgate da história – o que motiva o interesse de desvendar a continuação da narrativa – quanto a participação daqueles que, porventura, precisem de ajuda para se lembrar do episódio passado. Ao final de cada parte da história, aproveite para propor questões que incitem a curiosidade dos alunos para a continuação da leitura e que sirvam para o levantamento de hipóteses sobre o que ainda está por vir.

Durante a atividade, solicite aos alunos que memorizem as palavras, as expressões ou mesmo outras referências no texto que sejam desconhecidas para eles, incentivando-os a prosseguir na leitura de modo que infiram possíveis sentidos pelo contexto do texto. Informe-os que, ao final, aquilo que marcaram será retomado.

DEPOIS DA LEITURA

1. Após a leitura, incentive os alunos a conversar sobre a narrativa, retomando as hipóteses levantadas anteriormente a fim de reavaliá-las. É importante que eles verifiquem quais se confirmaram e quais não se confirmaram. No segundo caso, incentive-os a refletir sobre os motivos dessa quebra de expectativa.
2. Abra espaço para que os alunos retomem os termos que desconhecem e pergunte-lhes se conseguiram dar significado a eles durante a leitura. Esclareça

possíveis dúvidas e, caso seja necessário, faça uma consulta coletiva a um dicionário, lendo com eles as acepções para as palavras ou expressões que não entenderam. Em seguida, releia os trechos em que os elementos desconhecidos aparecem e pergunte-lhes se, após desvendar os significados, o texto ganhou novos sentidos.

3. Se achar oportuno, peça aos alunos que, juntos, recontem oralmente e de forma resumida a história, utilizando marcadores temporais e tentando respeitar a sequência. Oriente-os a utilizar as ilustrações como fio condutor da narrativa.
4. Solicite a eles que identifiquem os elementos verbais e/ou visuais que mais tenham causado emoção, incentivando-os a reconhecer os recursos que ajudaram a criar ou intensificar determinado efeito durante a leitura.

Interpretação do texto

1. Certo dia, ao acordar, a personagem principal de **Um lugar cheio de ninguém**, Neno, percebe que algo está diferente em sua casa, em sua escola, em sua cidade. Pergunte aos alunos: “O que Neno percebe que está diferente?”. Espera-se que os alunos respondam que Neno percebe que todas as pessoas (familiares, colegas da escola, moradores da cidade) e animais (gato e peixe) desapareceram.
2. Neno surpreende-se com a nova realidade, mas resolve investigá-la. Pergunte aos alunos: “Em sua opinião, mesmo com todo o estranhamento inicial, ele acaba gostando de algo que a nova realidade lhe proporciona? Se sim, do quê?”. Espera-se que os alunos concluam que, apesar do estranhamento inicial e do sentimento de solidão que a personagem parece demonstrar no final da narrativa, ao longo de sua investigação, Neno acaba desfrutando de situações que em sua realidade não poderia experimentar, como: dirigir um bonde, guiar um barco, visitar o gabinete do governador, etc.
3. Pergunte aos alunos que situações eles gostariam de experimentar se estivessem no lugar de Neno e peça a eles que expliquem por quê. Esclareça-lhes que não precisam se ater às aventuras de Neno; ao contrário, procure incentivá-los a criar as próprias aventuras.
4. Após uma longa experiência de investigação na cidade “cheia de ninguém”, Neno escreve um desabafo no quadro-negro de sua sala de aula: “Eu não quero o mundo vazio! Eu não quero o mundo só para mim!” (p. 45). Nesse desabafo, fica claro que, depois de examinar a nova realidade, Neno tem certeza de que não quer viver no mundo daquele jeito. Pergunte aos alunos do que a personagem sente falta e por quê. Espera-se que eles compreendam que a personagem sente falta dos familiares, dos colegas de escola, das pessoas da cidade. Para ajudá-los, retome o episódio em que Neno chega ao parque e percebe que “sem as pessoas não tinha mesmo graça nenhuma” (p. 38), ou seja, percebe que o mundo sem alguém com quem compartilhar é muito desinteressante.
5. Depois de conversar sobre a experiência de Neno com os alunos, peça-lhes que contem se gostariam de viver em um mundo vazio – de ter o mundo só para eles –, ou se sentiriam falta de algo ou alguém. Permita que os alunos conversem com total liberdade sobre a ideia de viver completamente só. Procure mediar a conversa, incentivando o respeito às escolhas aparentemente distantes das deles.

6. Após toda a experiência vivida em **Um lugar cheio de ninguém**, Neno acorda e percebe que a mudança de realidade não passara de um sonho. Pergunte aos alunos: “Como a personagem parece se sentir após descobrir que tudo não passara de um sonho?”. Peça a eles que apontem um trecho do texto que comprove a resposta que derem. Espera-se que eles respondam que a personagem ficou aliviada e feliz. Sugestões de trechos para acompanhar a resposta: “Neno não disse nada. Com o mesmo sorriso, pulou da cama e abraçou o irmão mais velho, depois o outro – os meninos, com cara abestalhada” (p. 43); “E com o coração sem vaga para mais felicidade, chegou à escola” (p. 44).
7. No desfecho da narrativa, um acontecimento inesperado faz com que Neno volte a duvidar de que toda aquela experiência não passou de um sonho. Pergunte aos alunos que acontecimento foi esse e como a personagem reagiu a ele. Peça-lhes que justifiquem a resposta indicando um trecho do texto. Espera-se que eles concluam que, após acordar de seu sonho, Neno vai para a escola e vê que o que escreveu no quadro-negro durante o sonho ainda continuava lá. Sugestão de trecho para acompanhar a resposta: “Só Neno permaneceu calado, imóvel, com olhos fixos no quadro-negro” (p. 45).

Linguagem

1. O título do livro que você leu traz uma expressão composta de palavras cuja aproximação causa um efeito de sentido inusitado. Pergunte aos alunos:

- “Que expressão é essa?”

Espera-se que os alunos respondam “cheio de ninguém”. Professor, se julgar necessário, retome a conversa que teve com a turma antes da leitura do livro para que eles recordem essa reflexão.

- “Que ideia essa expressão transmite? Explique sua resposta.”

Espera-se que os alunos concluam que a expressão transmite a ideia de contraste, de oposição. Professor, após os alunos responderem, explique-lhes que a palavra **cheio** traz o sentido de completude, de abundância, enquanto a palavra **ninguém** traz a ideia de ausência, de falta.

- “Você acha que esse título traduz de algum jeito o sentimento de Neno ao viver em uma realidade diferente da qual estava acostumado? Comente.”

Embora a resposta seja pessoal, espera-se que os alunos respondam que sim, pois a oposição anunciada no título traduz o sentimento de tristeza de Neno ao perceber que o lugar onde vive, antes **repleto** de convivência e trocas, está **repleto** de vazio, de ausência.

2. Ao longo da narrativa, algumas expressões que não caracterizam diálogos aparecem destacadas entre aspas. É o caso, por exemplo, de “torre gelada” (p. 13), “banqueta proibida” (p. 23) e “guarda-estátua” (p. 24). Pergunte aos alunos:

- “A que cada uma dessas expressões se refere?”

Espera-se que os alunos concluam que “torre gelada” se refere ao sorvete de cinco bolas que Neno monta na sorveteria; “banqueta proibida”, ao banco

do instrumento musical da igreja, no qual provavelmente apenas os membros adultos e com habilidades para tocar podiam se sentar; e “guarda-estátua”, aos profissionais que fazem a guarda dos locais e que muitas vezes permanecem parados por muito tempo na mesma posição.

- “Por que você acha que essas expressões são assim destacadas no texto?”

Espera-se que os alunos percebam que as aspas, nesses casos, foram utilizadas para indicar o modo como Neno falaria e também para destacar que essas formas de nomear as coisas é diferente da maneira convencional.

3. Releia com os alunos as frases de desabafo que Neno escreveu no quadro-negro:

Eu não quero o mundo vazio!

Eu não quero o mundo só pra mim!

- a) Nesse desabafo, há uma repetição bem marcada. Pergunte aos alunos que repetição é essa. Espera-se que concluem que é a repetição de “Eu não quero o mundo...”. Ou seja, o início das duas frases é igual.
- b) Pergunte aos alunos: “Considerando toda a experiência da personagem no contexto da história, que efeito de sentido essa repetição cria no desabafo feito?”. Peça a eles que expliquem a resposta. Espera-se que concluem que essa repetição enfatiza o descontentamento da personagem com a nova realidade. Procure destacar que a repetição reitera a negação de Neno para o mundo cheio de ninguém e que o uso da exclamação denota uma ideia de súplica.

Bate-papo e pesquisa

1. Releia com os alunos o início da novela **Um lugar cheio de ninguém** e volte a conversar com eles sobre como era a relação das pessoas com o rádio nos anos 1950, tempo histórico ao qual a narrativa remonta.
2. Proponha-lhes que realizem uma pesquisa a respeito do assunto, procurando em *sites*, livros e outras publicações impressas informações sobre a história do rádio.
3. Também sugira aos alunos que realizem, em grupos, entrevistas com diferentes pessoas que possam ter vivido nessa época em que o “rádio era o dono do pedaço”. Incentive-os a elaborar registros escritos, em áudio ou em vídeo, para que possam compartilhar depois os resultados da pesquisa. Caso eles se interessem em realizar as entrevistas, sugira um roteiro de perguntas:
 - “Você costumava ouvir rádio junto com os familiares?”
 - “Como eram esses encontros ao redor do rádio?”
 - “O que vocês costumavam ouvir?”
 - “Você chegou a acompanhar diariamente algum programa de rádio? Qual? Do que você mais gostava nesse programa?”
4. Reserve um dia para os alunos compartilharem com o restante da turma aquilo que pesquisaram sobre a Era do Rádio. Incentive-os a trazer, como convidado, algum dos entrevistados.

Produção de texto

Após ler o livro, é interessante convidar os alunos a produzir um texto com base em alguma reflexão desencadeada pela leitura. Outra opção é recriar a narrativa lida. Vale ressaltar que “Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama).” (p. 70). Portanto, assim como os alunos leram as imagens de **Um lugar cheio de ninguém**, eles também podem produzir seu texto em forma de imagens – sobretudo aqueles que não sabem escrever.

Se considerar oportuno, apresente a eles a seguinte possibilidade: “Imagine que você acordou e que, assim como Neno, percebeu que o mundo estava deserto”. Então liste algumas perguntas que podem ajudá-los a organizar o texto: “Como você reagiu?”; “Que situações experimentou?”; “Como você solucionou os problemas enfrentados?”.

Após essa explicação, retome que, ao final de **Um lugar cheio de ninguém**, o desabafo de Neno ainda presente no quadro-negro da sala de aula poderia indicar que o que ele viveu não foi somente um sonho. Então solicite aos alunos que, individualmente, produzam um conto que dê continuidade a essa história. Esclareça-lhes que a dúvida sobre a experiência de Neno ser ou não um sonho pode permanecer, se assim eles desejarem.

Se achar pertinente, converse com os alunos sobre as características principais do gênero textual conto: narrativa curta que envolve poucas personagens e costuma apresentar apenas um conflito gerador. A história acontece geralmente em um tempo e um espaço bem delimitados. Os contos podem ser relatados por um narrador que não participa da história, como ocorre na novela **Um lugar cheio de ninguém**, ou por um narrador-personagem, que narra as situações pelas quais ele mesmo passa.

Em seguida, oriente os alunos a planejar a história com antecedência, registrando como pretendem organizar a sequência narrativa.

Após o planejamento, proponha-lhes que façam um rascunho. Em seguida, incentive-os a verificar se a sequência narrativa definida no planejamento foi seguida. Acompanhe esse processo de revisão, que deve contemplar os ajustes necessários. Depois, oriente-os a passar a narrativa a limpo em uma folha avulsa, cuidando para que todas as adequações observadas na etapa de revisão sejam realizadas.

Se houver sala de informática na escola, solicite aos alunos que escreveram que digitem a versão final do texto.

Por fim, promova um momento para que eles compartilhem suas produções, o que pode ser feito em rodas de leitura em sala de aula. Se eles manifestarem interesse, é possível ainda propor uma publicação da classe em forma de coletânea, reunindo os contos produzidos pela turma.

Converse também sobre compartilhar os contos produzidos com os familiares, organizando, por exemplo, um rodízio da coletânea de contos, que pode, a cada semana, ser levada para a casa de um dos alunos da turma.

Fazendo arte

Se houver material disponível (massa de modelar, máquina fotográfica ou celular com câmera, etc.), com o auxílio do professor de Arte, proponha aos alunos que tentem produzir ilustrações tridimensionais, assim como as de Marcelo Xavier em **Um lugar cheio de ninguém**. Explique-lhes que devem “construir” as personagens e os objetos com massinha para, depois, fotografá-los no cenário ou no fundo escolhido. Auxilie-os na captura e, se possível, na transposição das fotografias para um programa de edição de imagens.

O contexto geográfico da novela

1. Com o auxílio do professor de Geografia, sugira aos alunos que pesquisem informações e imagens a respeito do espaço geográfico em que se passa a narrativa **Um lugar cheio de ninguém**: a cidade de Vitória, no Espírito Santo.
2. Organize a classe em grupos e solicite-lhes que pesquisem fotos recentes e antigas dos locais mencionados na narrativa (por exemplo: Rua Treze de Maio, Praça Costa Pereira, Teatro Carlos Gomes, Viaduto Caramuru, Praça da Catedral, etc.), procurando saber um pouco mais sobre a história ou sobre curiosidades das localidades citadas no texto.
3. Reserve um momento da aula para os alunos compartilharem o que descobriram. Em seguida, pergunte se algo mudou para eles, em relação à recepção da história, após conhecerem um pouco mais da cidade que o autor escolheu para ambientar a narrativa. Aos alunos que vivem ou que já conhecem Vitória, peça-lhes que contem quais informações foram novas para eles e se mudou o jeito como enxergam a cidade.
4. Se achar oportuno, incentive-os a reler a novela e conversar a respeito da nova recepção do texto após as pesquisas que realizaram tanto nesta seção de trabalho interdisciplinar, em que investigaram o contexto geográfico da narrativa, quanto na seção Bate-papo e pesquisa, em que se ativeram ao tempo histórico.

Leia também

▪ **Uma criança única**, de Guojing. São Paulo: Vergara & Riba, 2016.

Por meio desse livro-imagem, os alunos poderão acompanhar as aventuras de uma criança solitária, que, assim como o personagem central de **Um lugar cheio de ninguém**, Neno, percorre, sozinho, diversos ambientes e acaba chegando a um bosque onde presencia acontecimentos fantásticos. Sem a utilização de palavras, é possível apreender o sentimento de solidão por meio das sensíveis ilustrações que constroem o sentido, o tempo e o espaço da narrativa.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC versão final*. Brasília, DF, 2017.

_____. Ministério da Educação. *Editais PNL D 2018 – literário*. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

COSTA, Marta Morais da. A estrutura da narrativa: conto e novela. In: COSTA, Marta Morais da; OLIVEIRA, Silvana. *Concepções, estruturas e fundamentos do texto literário*. Curitiba: Iesde Brasil S.A., 2010.

MARINHO, Jorge Miguel. A fábula do oleiro. In: _____. *A maldição do olhar*. São Paulo: Biruta, 2008. p. 112.